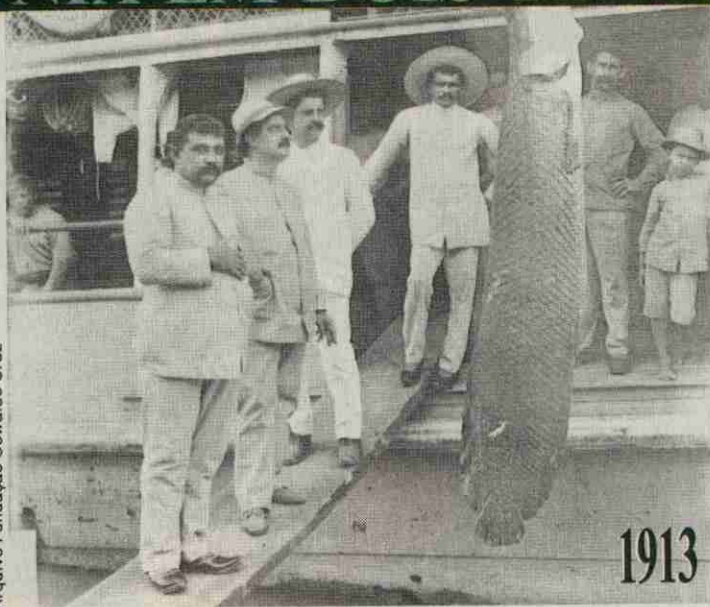


AMAZÔNIA EM DOIS TEMPOS 4

No capítulo de hoje, o grupo de pesquisadores — que repetiu a expedição que Carlos Chagas fez à Amazônia em 1913 — encontra meninos violentos que escutam música funk e se juntam em gangues de ruas rivais. Em plena região do Rio Negro, um comportamento típico de cidade grande.

O editor de fotografia do **JORNAL DO BRASIL** Rogério Reis recria mais uma imagem encontrada nos livros sobre a expedição de Chagas (foto ao lado). É a pesca do pirarucu, peixe abundante na região, que chega a pesar 60 kg e pode alimentar uma família por vários dias.

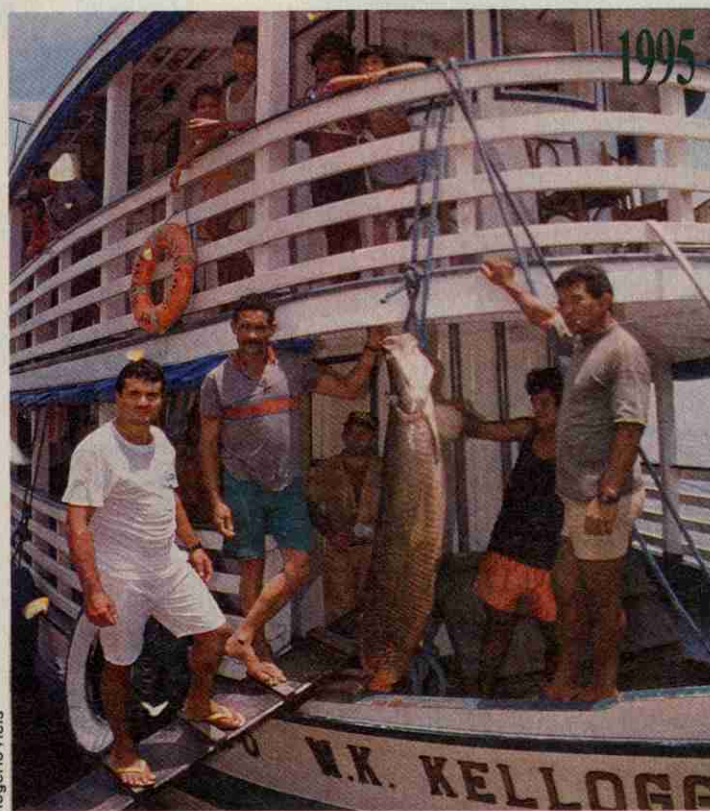
Arquivo Fundação Oswaldo Cruz



1913

Passados 82 anos, a pesca do pirarucu, peixe abundante na Amazônia, ainda é um costume na região do Rio Negro. Assim, não foi difícil encontrar uma imagem que é praticamente a mesma daquela captada pela expedição de Carlos Chagas, em 1913: um grupo de pescadores exibindo sua enorme presa como um troféu

Rogério Reis



1995

■ A expedição científica *Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da borracha à biodiversidade* reuniu pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, Universidade do Amazonas, Instituto de Medicina Tropical de Manaus, Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia entre os dias 31 de julho e 9 de setembro de 1995. O **JORNAL DO BRASIL** acompanhou com exclusividade a expedição.



Galeras do Rio Negro

Jovens amazonenses sem perspectivas formam 'gangues' violentas



Meninos da turma do Centro, que brigam com a da periferia. Bebem conhaque com guaraná ou vermute e chamam os rivais de 'índios'



ALEXANDRE MEDEIROS,
de Santa Isabel do Rio Negro (AM)
FOTOS DE ROGÉRIO REIS

Com um enorme rádio apoiado no ombro e colado ao ouvido, balançando o corpo ao som do funk, *Maluco Beleza*



tem fama de ser *animal*. “Isso aqui foi queda”, diz ele, para explicar um hematoma no olho esquerdo. O apelido, ele não sabe explicar: “Ganhei lá em Manaus. Pegou.” Também não encontra explicação para tanta fama: “A polícia me persegue. Qualquer briga que tem na cidade, vão logo me prendendo. É tudo eu, tudo eu.”

Sentado no quintal de sua casa no Beco Augusto Lacerda, Sidnei Pinto de Oliveira, de 21 anos, sonha em montar uma oficina de serigrafia. “Trabalho aqui só tem o comércio e a prefeitura. Queria pintar camisetas para vender”, diz ele, ao lado da mulher e dos filhos Anderson, de um ano e seis meses, e Camila, de 3. Mecânico — sem carteira assinada — da garagem da prefeitura, Sidnei pede mais investimentos na cidade: “Se uma indústria se instalasse aqui a gente teria chance de se empregar.”

Difícil acreditar que *Maluco Beleza* e Sidnei sejam a mesma pessoa. Mas são. O rapaz franzino, com espinhas no rosto, é líder de uma das *galeras* que agitam a vida já não tão pacata de Santa Isabel do Rio Negro (AM). São turmas de meninos e adolescentes que cultivam hábitos dignos das gangues de cidade grande, embora estejam isoladas no meio da floresta amazônica, a anos-luz de qualquer metrópole. Os integrantes dessas turmas usam tatuagens no corpo e bonés de times de basquete americanos na cabeça, ouvem funk no último volume, adoram beber e, sobretudo, brigar.

“Eles estão bebendo em uma mesa. Aí o sujeito de lá, sem mais nem menos, joga um copo de cerveja no outro. Depois, é o quebra-quebra, garrafa pra lá e pra cá. É tudo pirralho metido a valente”, conta o cabo Amorim, da delegacia local, encarregado de apartar as brigas de galeras. A pancadaria invariavelmente ultra-

IBM

Soluções para um
mundo pequeno

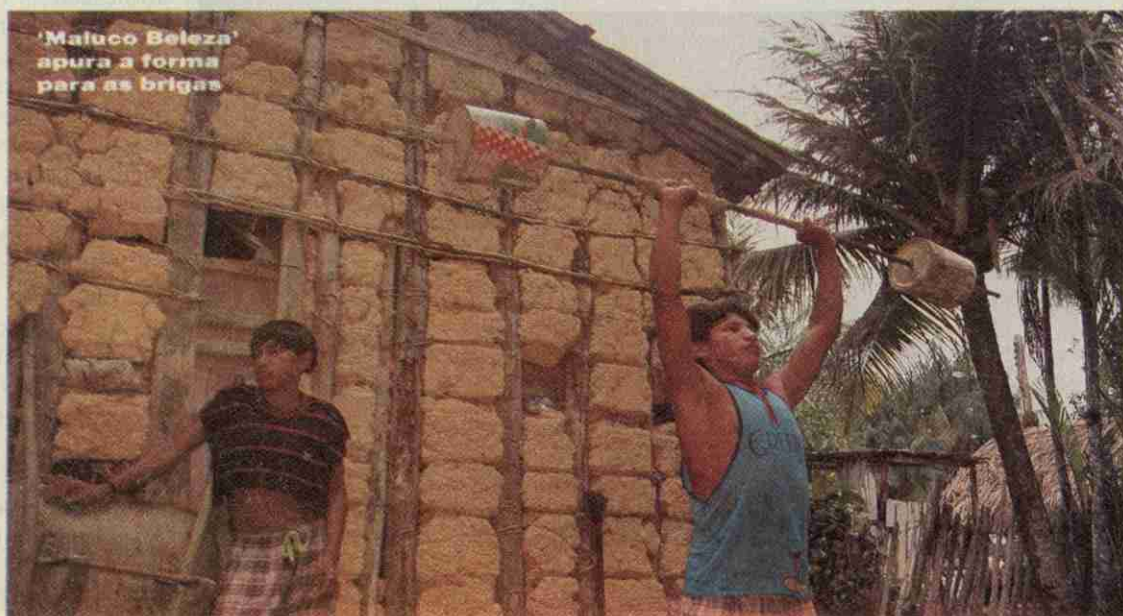
DIÁRIO DE BORDO

■ Santa Isabel tem 16 mil habitantes. Está ligada a Manaus, São Gabriel da Cachoeira e Barcelos por três vôos semanais. Não há táxis nem linha de ônibus. O meio de transporte mais usado é a bicicleta.

■ Duas médicas da expedição, Flor Martinez e Simone Andrade, assumiram o hospital de Santa Isabel, que estava sem médico, durante a estada da equipe na cidade. O salário pago ao médico do hospital é bom — R\$ 4.020 —, mas os candidatos ao cargo vêm de fora e não se adaptam à região.

■ Em Laranjal, um velho seringal habitado apenas por uma família, a expedição localizou um cemitério do início do século. Algumas lápides conservam inscrições legíveis. São túmulos de venezuelanos que ali viveram durante o primeiro ciclo da borracha.

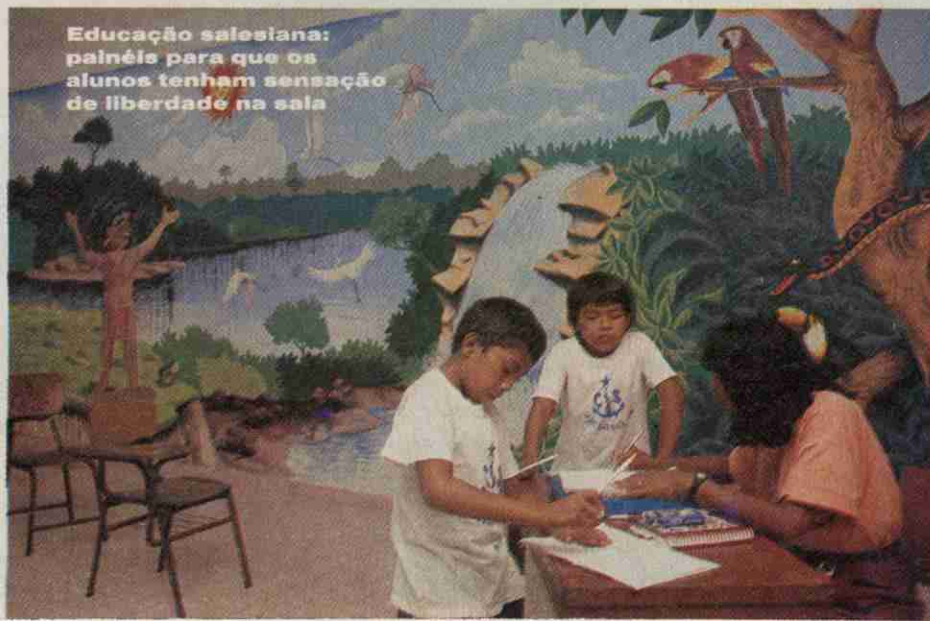
■ Frase de Tiririca para resumir o nível de alcoolismo em Santa Isabel do Rio Negro: "Aqui tem mais bebida do que gente."



O time de futebol formado pela missão salesiana comemora um título. O padre da cidade promove atividades esportivas para afastar crianças das gangues



Educação salesiana: painéis para que os alunos tenham sensação de liberdade na sala



passa os limites do bar, descamba para as ruas e termina em vandalismo: pedras nos vidros das casas e lojas, agressões em quem não tem nada a ver com a história, tentativas de estupro.

Uma combinação explosiva incentiva a formação das gangues. Há uma rixa histórica na cidade: os que moram no centro do município não aceitam ser confundidos com os que vivem na periferia, estes de maioria indígena. Assim, os primeiros chamam os segundos de *índios*. O preconceito de quem chama — como se fosse um xingamento — e o de quem é chamado — como se fosse uma ofensa — é motivo de briga, na certa. Para piorar as coisas, Santa Isabel do Rio Negro não produz nada, nem a própria farinha, ao contrário de sua vizinha Barcelos, onde até a captura de borboletas e peixes ornamentais gera empregos (veja quadro nas páginas 70 e 71). Um monte de gente em idade de trabalhar perambulando pelas ruas, navegando na canoa de um preconceito histórico, tinha de cair nos braços da violência.

“Os meninos daqui, até na inocência, caem na conversa dos que passaram temporada em Manaus. Esses já vêm com a maldade de cidade grande, aprenderam a ser violentos. Bebem muito. É conhaque com guaraná, cachaça com Coca-Cola, vermute puro. E saem por aí fazendo besteira”, tenta entender Luís Alberto Cavalcanti, 45 anos, presidente da Associação de Moradores do bairro de São José Operário, na periferia da cidade. Ao lado de Santa Inês, o bairro de São José Operário forma o chamado *povoado*, considerado uma espécie de aldeia pelos que moram no bairro de Álvaro Maia, na região central.

Há até uma separação geográfica, como se a cidade se dividisse em dois territórios rivais. A fronteira entre a região central e o *povoado* é o muro da missão salesiana e o principal marco é uma frondosa mangueira, sob a qual as galeras se concentram para emboscadas às turmas rivais. Para resolver esse indissolúvel problema social, há quem defenda o corte da mangueira centenária, como se isso pudesse colocar um ponto final nas brigas.

Em Barcelos, tudo vira comércio, de borboleta a piaçava

Quando aquele gringo louro e de olhos azuis chegou à cidade, um ano atrás, o povo reservou para ele um rabo de olho. Podia ser comprador de madeira, padre de fora, pastor evangélico, turista ou até garimpeiro, quem sabia? Hoje, Gregory Prang, americano de Detroit, já pode se considerar cidadão de Barcelos (AM). É saudado pelos vizinhos e ajuda a desenvolver na região a criação de peixes ornamentais. "É uma indústria que movimentou US\$ 7 bilhões por ano no mundo. Em Barcelos são 25 compradores que trabalham para sete exportadores. Os peixes vão para a Europa, Japão, Israel, Formosa e Cingapura. Aqui desenvolvemos reprodução em aquários, mas lá fora já se faz até mutação genética", informa Gregory, bolsista da Universidade do Amazonas.

São os piabeiros que montam as armadilhas no rio e trazem à tona belas espécies como o cardinal, o acará e o rodóstomo. Por cada milheiro, eles recebem R\$ 5 em média, mas muitos trocam por mantimentos. Raimundo Ribeiro, de 45 anos, está há 26 no ramo e explica que a safra começa em agosto e vai até o dia 30 de abril, quando se inicia o período da desova. "O rio em que eu trabalho, o Teia, eu respeito. Mas tem piabeiro por aí que pega peixe na desova, captura os filhotes", denuncia ele, que estima um total de 1.000 piabeiros em atividade em Barcelos. Segundo Ribeiro, há 27 espécies de peixes ornamentais na região. "Uma boa safra dá 5 milhões de unidades", avalia.

Um cardinal feito de lâmpadas, sustentado por um poste de metal no meio da praça, é o símbolo da cidade. Ele mostra que, ao contrário de Santa Isabel do Rio Negro, que nada produz, Barcelos movimentou sua economia com produtos do rio e da terra. A cidade possui até uma novidade raríssima no Alto Rio Negro: uma fábrica mecanizada. "Na época do rio cheio, é produção dia sim, dia não. Na vazante, é só uma vez por semana", explica Antonio Albertino Neto, o Caípa, gerente da Jauari Agro-Industrial Ltda, uma unidade de produção de palmito do Grupo Machline, conhecida na cidade como fábrica da Sharp.

Os palmiteiros extraem o produto de uma palmeira chamada jauari,

cheia de espinhos. Os mais habilidosos conseguem cortar até 200 palmitos por dia, mas alguns não passam de 45. "Pagamos R\$ 0,13 o palmito de primeira e R\$ 0,10 o de segunda", informa Caípa, que começou a carreira como palmiteiro. A fábrica recebe cerca de 3 mil palmitos por dia e, depois de um processo que dura até 43 dias — incluindo um período de quarentena para controle de qualidade —, a produção é mandada para Manaus. São 130 caixas de 12 latas cada uma enviadas por semana.

A vontade de produzir transformou até o tradicional uso de plantas medicinais numa linha de produção de medicamentos em Barcelos. A farmácia caseira que funciona na missão salesiana vende xaropes, tinturas e poma-



das à população. Os produtos são feitos numa sala de manipulação por 25 mulheres da Pastoral da Saúde. "O trabalho começou há dois meses e o pessoal do interior está usando muito nossos produtos", diz Maria do Carmo Brito, de 54 anos, uma das farmacêuticas.

As mulheres trabalham com a ajuda de um único liquidificador e já colhem resultados. "Com dois meses de uso, a tintura de couve ajuda a curar o alcoolismo", garante Lídia Nascimento, de 25 anos, uma das novatas na farmácia. Quando o doente não tem dinheiro para comprar um produto, a farmácia troca por vidros vazios, plantas ou mel. Os xaropes custam R\$ 1 e o mais procurado é o nortista, feito com água, açúcar, eu-

calipto, mandacaru e cascas de angico, jatobá e mulunga, muito bom para tosse, pneumonia, rouquidão, asma, bronquite e coqueluche.

Até as borboletas viram comércio em Barcelos. Waldir Azevedo, 53 anos, sustenta a família com a captura e venda de borboletas da região. Todos os dias tem pescaria. "Vendo por R\$ 10, R\$ 20 cada uma. As mais raras chegam a valer R\$ 1 mil", garante ele, que vende as espécies para japoneses, americanos, chineses e alemães.

As borboletas são abundantes na Amazônia, mas nem todas são raras como as de seu Waldir. As amarelas que infestam as margens do Rio Negro já são parte da paisagem, bem sabem os meninos de Barcelos. Eles escalam os fardos empilhados na beira do rio e saltam lá do

alto, tentando agarrar as borboletas com as mãos antes de cair na água. Por trás dos fardos, alheios à farra, homens suados amarraram a piaçava que vai ser usada em fábricas de vassouras no Rio, Minas e São Paulo.

São homens como Delzindo Braga, de 26 anos, que costuma ficar acampado até 20 dias na mata para conseguir juntar fardos de 80 quilos de piaçava que vende a R\$ 0,35 o quilo ao piaçaveiro — o patrão. Com o fardo nas costas, ele atravessa quilômetros de mata até chegar ao rio onde está sua canoa e então rema três dias até Barcelos. "A gente tem que limpar bem o pé de piaçava antes de cortar, tirar as cobras e as lacraias", conta Delzindo, um dos 500 cortadores da região, um homem que ganha pouco, bebe muito, vive só e mal tem tempo de ver a beleza das borboletas que sobrevoam sua cabeça enquanto ele vai amarrando, debaixo do sol forte, os fardos de mais um dia. (A.M., de Barcelos)

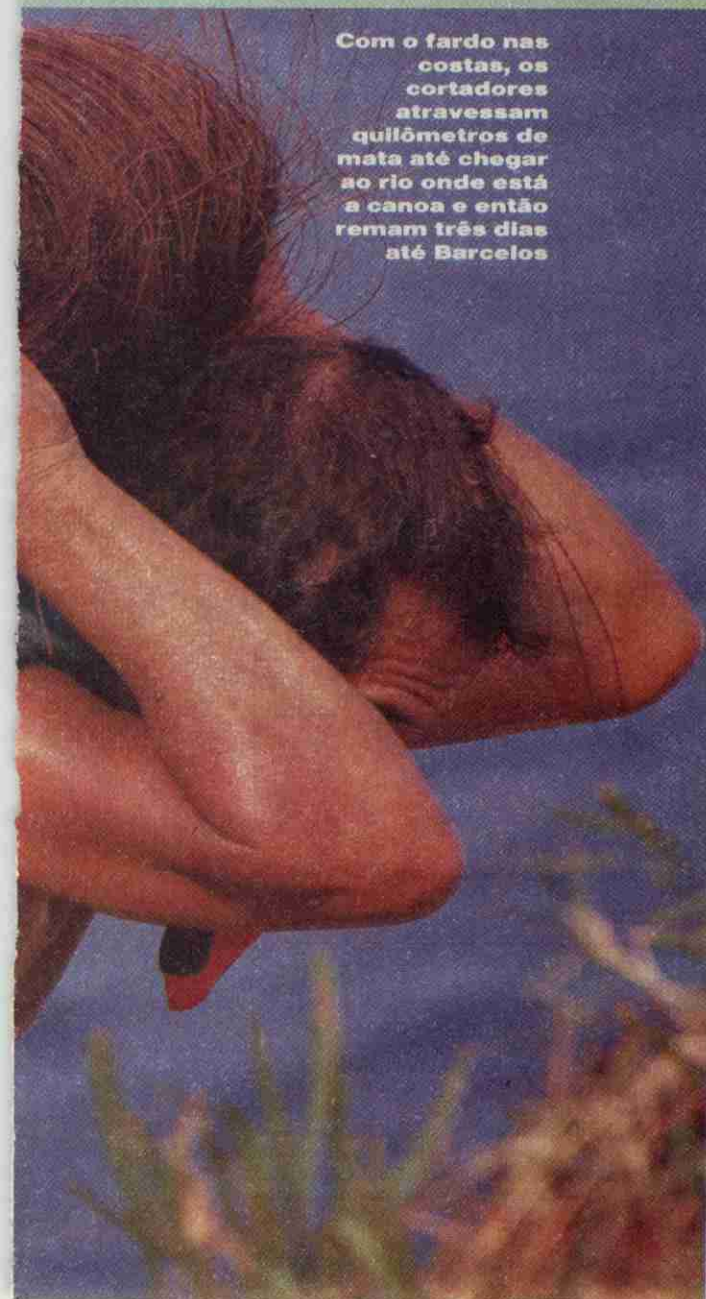
de galeras. "Por mim, já tinha cortado aquela mangueira", diz sem pestanejar o 3º sargento da PM Francisco de Souza Viana, delegado de polícia da cidade. "Mas aí apareceu um monte de gente dizendo que a árvore era um símbolo, não merecia morrer. E a porrada continua", lamenta.

Continua mesmo, com todo o respeito à mangueira centenária, que não tem culpa nesse cartório. Bem debaixo dela, há pouco menos de dois meses, uma galera encostou o professor José Maria Gama, 23 anos, também secretário da Associação de Moradores de São José Operário. Tudo porque Gama ouviu repreender uma turma que fazia uma algazarra infernal em sala de aula, impedindo que outros alunos sequer escutassem a lição do dia. Um dos rapazes repreendidos prometeu "pegar lá fora" o mestre. E pegou mesmo, no dia seguinte, às quatro da manhã, sob a mangueira da discórdia.

E não pegou sozinho. Juntou sua galera, armou a turma com paus com pontas de prego e baixou o sarrafo no professor. Quando o sol nasceu na manhã seguinte, José Maria Gama ainda se arrastava para chegar até sua casa. Teve de ser levado para um hospital em Manaus e ainda corre o risco de perder o braço direito, completamente dilacerado pelos golpes. "O tal aluno que foi repreendido negou tudo, não tenho outras testemunhas. O caso está parado. Sei que há problemas de violência dentro do Colégio Salesiano (onde o professor lecionava), falta autoridade. Será que vou ter que colocar um policial em cada sala de aula?", resume o delegado.

Aliás, delegado é força de expressão, ele mesmo faz questão de dizer. "Quase não tenho problema com adulto, minha dor de cabeça são os menores", desabafa o sargento Viana. A menos de 50 metros da delegacia fica a maior dor de cabeça do policial, a casa noturna Sombras, única da cidade. Às três da manhã, quando a energia da cidade é cortada e a música acaba, parece saída de baile funk em qualquer subúrbio do Rio de Janeiro. "Estou tentando dar um jeito na coisa..

Com o fardo nas costas, os cortadores atravessam quilômetros de mata até chegar ao rio onde está a canoa e então remam três dias até Barcelos





Um flagrante da carência da região do Rio Negro: banheiro público improvisado no cenário da...

Acervo do ISA

GLOSSÁRIO

■ **Multimistura** — Complemento alimentar para crianças feito de pó de casca de ovo, folha de macaxeira e farelo de trigo ou arroz.

■ **Saracura-mirá** — Elixir para todos os males. Catadores de piaçava usam contra a malária, como os seringueiros. Em pedaços e curtida na cachaça, pode ser usada como tintura ou diluída em água e tomada

contra dores. Segundo Íris de Jesus dos Santos, 52, maga da medicina caseira, é planta abençoada: "Toma em jejum e depois sua. É como se saísse o que tem de ruim no corpo."

■ **Puxuri** — Usada para evitar dor de barriga em bebês. Ralada, se transforma num pó semelhante à canela, e pode ser misturada ao mingau.

■ **Cabacinha** — Usada como descongestionante. É cortada, misturada à cachaça e serve para inalação contra a sinusite. Pode ser usada como pomada contra furúnculos, misturada ao sebo de Holanda, cânfora, banha de galinha e andiroba.

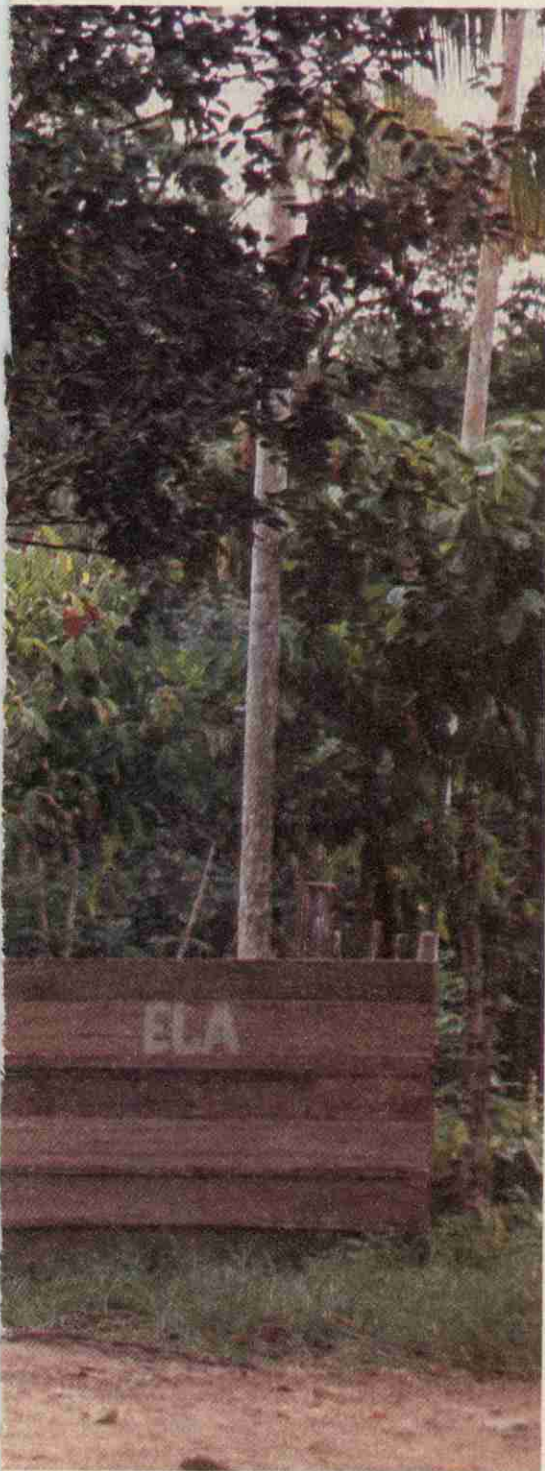
■ **Japana** — As folhas são esfregadas sobre as ferradas da *tocandira*,

(formiga que chega a 22 cm de comprimento) para aliviar a dor.

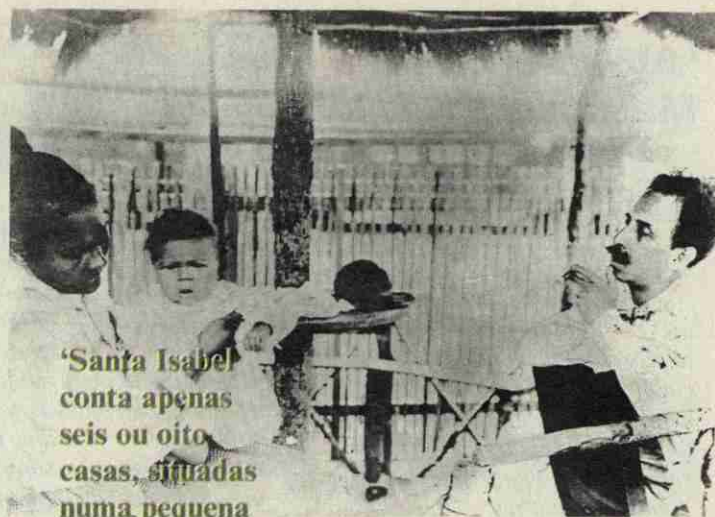
■ **Oriza** — Planta usada como chá para os males do coração.

■ **Erva de jabuti** — Seu chá é usado para combater a diabetes.

■ **Hortelã roxo** — As folhas são esfareladas e diluídas em andiroba. A solução é usada em gotas contra dor de ouvido.



...floresta amazônica



“Santa Isabel
conta apenas
seis ou oito
casas, situadas
numa pequena
ilha, na
confluência de
dous braços do
rio Negro”

Carlos Chagas

Tinha aí uns *ninjas* que cobriam os rostos com panos e tentavam estuprar as meninas na escuridão. Coisa feia mesmo”, lembra ele.

Muito feia. Os *Anjos malditos*, outra galera local, costumava fabricar armas artesanais, como presas de ferro para amarrar ao pulso e tornar a briga mais violenta. O sargento Viana chegou a identificar 20 integrantes dessa turma, perfilou-os na rua diante dos pais e passou uma espinafração pública em todos. Pouco mais ele pode fazer. “Seria preciso aqui uns cinco comissários de menores. Eu não posso prender menor em delegacia”, se defende ele. Aos *anjos* se atribuem alguns atos como gritar de madrugada diante do hospital para acordar os doentes ou cortar 52 pés de banana na horta da missão salesiana.

O **JORNAL DO BRASIL** teve acesso ao primeiro documento oficial sobre a formação de galeras em

Santa Isabel do Rio Negro, um ofício encaminhado pelo delegado ao juiz itinerante da região, pedindo ajuda para enfrentar o problema. “Sei que posso até estar me intrometendo na sua área, porém não é minha intenção. Desejo junto ao Judiciário fazer com que esta cidade viva em paz e tranquilidade moral. O senhor precisava ver o que nós vemos nas ruas desta cidade, tanto de dia como no horário noturno, principalmente após as festas dançantes”, relata o ofício.

Não é exagero. Que o diga o padre Carlos Zuchetti, 48 anos, da missão salesiana. Ele faz um grande esforço para preencher os fins de semana das crianças e adolescentes do *povoado* com atividades esportivas e culturais, como torneios de futebol e festivais de música. “As galeras ainda não têm o componente de violência das capitais, mas não podemos ficar parados esperando

Soluções para um mundo pequeno

IBM

'Alô, alô, dona Manaus, PS fala'

"Alô, dona Manaus? A senhora me deixa esperando na linha, né? Não faz isso comigo, não. Tem um monte de gente querendo falar, dona Manaus..."

O povo na fila do posto de serviço até ri. Pilotando uma velha mesa telefônica, manejando fios e pinos com a perícia de um cirurgião, Lucineide coloca Santa Isabel em contato com o mundo. A operadora da capital, não importa o nome, vira "dona Manaus".

"Vai ter que esperar um pouco. Tem gente que pediu ligação às 9 horas e ainda não falou. Dona Manaus hoje está muito ocupada", vai logo avisando Lucineide aos que chegam perto da hora do almoço. Ela começa cedo a anotar os números pedidos pela população e, a intervalos de 15 minutos, aciona a central de Manaus para fazer as ligações e repassá-las para a única linha de Santa Isabel. A espera é longa.

"Dona Manaus, PS Rogério fala com X." O povo já sabe que PS é quem quer falar e X é quem atender do outro lado da linha. Para os que não sabem, Lucineide explica: "Se o senhor quiser falar só com a Maira, eu mando chamar a Maira. Se for para falar com quem atender, é X", ela ri.

Parece simples, mas não é. A única linha da cidade é compartilhada por todo mundo e está permanentemente ocupada. Se alguém está falando com a mãe que mora em Belém, por exemplo, o resto da cidade tem que esperar a ligação terminar. "Ih, agora vai demorar. A Cilene tá falando com a mãe dela e é conversa que não acaba hoje", confidencia Lucineide, para logo em se-

guida reproduzir um diálogo imaginário entre Cilene e a mãe: "Cilene, minha filha, o que comeu hoje? Cilene, minha filha, na missa das sete rezei por você." Na fila, o povo se diverte.

Há privilégios. A prefeitura tem reservadas cinco chamadas diárias "para serviço", de acordo com um ofício datado de 17 de outubro de 1994 e afixado na parede do posto. Nenhuma ligação pode ultrapassar 15 minutos, mas às vezes é difícil interromper. "Eu dou um toquinho, sabe? Mas tem assunto de gravidade, coisa de vida ou morte, aí eu não posso cortar", explica Lucineide, que tem fama de ter bom coração.

Também tem fama de fofoqueira, como toda boa telefonista — as exceções que nos perdoem. Sabe da vida de todo mundo. No pequeno posto telefônico, as duas cabines vivem atoladas de gente falando alto com os mais distantes lugares da Amazônia. Todo mundo escuta. "Alberto, diz pra papai que vou chegar no recreio (barco) de amanhã", grita um. "Marlene, ainda não arranjei aquele dinheiro. Eu sei, minha filha, também tô agoniado, mas não arranjei, e agora?", lamenta outro.

Histórias tristes e alegres passam pela linha única de Santa Isabel. Lucineide compartilha a dor e a felicidade dos outros. "Tem ligação que carrega notícia ruim e essas, se pudesse, eu nem passava", confessa, num momento raro de descanso no posto. Já ia estender a conversa, mas o telefone toca, o mundo não pára, tem alguém em algum lugar querendo falar com outro alguém em Santa Isabel. Lá vai Lucineide: "Como é? Conseguiu completar a chamada do seu Rogério? Poxa, até que enfim, hein dona Manaus..." (A.M.)

que isso aconteça. A cidade não oferece empregos. Hoje mesmo chegaram 60 milheiros de tijolos de fora", atesta o padre.

Para escapar da fúria, muitos vestem a farda. O Exército fez sua primeira convocação este ano em Santa Isabel do Rio Negro, alistando 180 jovens para o Serviço Militar. "Aqui não tem trabalho. Eu vou para o Exército para conhecer outro lugar, como São Gabriel da Cachoeira, e procurar emprego. É uma saída para mim", sustenta o adolescente A., de 18 anos, um descendente ianomami que preferiu não dar o nome para não causar desgosto ao pai, que sonha em vê-lo seguir a carreira militar.

Tiririca, ou melhor, Denilson Pinto de Oliveira, de 15 anos, irmão do Maluco Beleza, não teve a chance de se alistar este ano. Enquanto isso, vai ganhando uns trocados carregando nas costas os tijolos que chegam no porto. E colecionando, como o irmão, fama de animal. "Aqui é melhor que Manaus. Lá morre menino toda a noite. Só reclamo da polícia, que prende a gente em cela escura, com cheiro de urina. Uma vez eu fiquei preso lá cinco dias sem motivo nenhum", denuncia. Com várias passagens pela delegacia, Maluco Beleza e Tiririca esperam um dia esquecer a fama e os apelidos, quem sabe fazer um curso de serigrafia por correspondência, trabalhar e ter um salário, gastar os dias de folga pescando tucunarés e tambaquis no Rio Negro e, como qualquer cristão, serem chamados pelos nomes de batismo, Sidnei e Denilson Pinto de Oliveira.

■ No próximo domingo, o último capítulo da série mostra a rotina dos mais antigos moradores da Amazônia, gente esquecida na solidão da floresta.

Soluções para um mundo pequeno

IBM